

○ novo balão

Parece que e seculo vinte
Já chegou com prevenção,
Abrindo as portas a onde
Estava occulta a invenção;
Quando entrou em poucos dias
Estreou logo o balão.

Depois fez aeroplano,
Porem com outro systema
Differente do balão
Até mesmo no emblema;
Trouxe o telegrapho sem fio
Zo-o-phone e cinema.

Tanto que a'gora em diante
Podemos bem viajar,
Não é só um barco ou trem
Que podemos embarcar,
Hoje somos como as almas
Viagemos pelo o ar.

Porque com essa invenção
O mundo vai prosperando,
Não ha mais nada custoso...
O balão funcionando,
Já hoje qualquer pessoa
Pega um mosquito voando.

O balão servio até
Para quem caça lambú,
Paca, tatú e veado,

5-6-1912

5

Handwritten signature: Rachel de Souza

Gato, onça e queitatú;
Com elle muitas pessoas
Estão vaquejando urubú.

Foi Ferramenta o primeiro
Que aqui em balão subiu;
Aqui elle foi em paz,
Porem no Pará cahiu;
Depois Augusto Severo,
Mas esse aqui ninguem viu.

José Pereira da Luz,
Esse ainda viajou,
Chegou na porta do céu
Bateu, porém não entrou,
Devido a um lenço da sogra
Que no pescoço levou.

Porém se não fosse isso
Elle lá tinha ficado
Porque S. Pedro ja tinha
Falado até um sobrado;
Tinha a chave de um chalet
Que estava desoccupado.

E d'ahi foi se espalhando
A noticia do balão
Até o papa dizia
Eu perco nessa questão,
Agora salva-se tudo
Sem missa e sem confissão.

Agora, apouquinhos dias
Do mez de Abril deste anno
Um anjo do céu deu fé
Que vinha um aeroplano,
Um santo conheceu logo
Que era Gino italiano.

O italiano vinha
A tudo ia mais no ar
Com caixão, escova e graxa
Chegou quiz logo saltar;
Perguntou logo a S. Pedro
—Oh sinhó quer engraxar.

Disse um papa:— Como vão
Essas cousas la por baixo?
Disse Gino:— faz um mez
Que um sapato não engraxo;
Venho ver se aqui no céu
Querem em que arremende taxo.

Foram dizer a São Paulo
Que vinha o aeroplano,
Disse São Paulo:— cuidado
Se elle for italiano,
Perguntem de onde é elle
Se será calabriano.

Dizia o italiano:
—Oh que logar bom, senhor,
Aqui deve dar bom trigo

E não tem engraxador;
Aqui o tacho furado
Não tem arremendador.

Não ha mais nada no mundo
Que não se possa pégar,
Para pegar se baleia
Bota-se navio no mar,
Para pegar urubú
Vai o balão pelo o ar.

Então muitos cemiterios
De uma vez se feicharão,
O freguez morrendo aqui
Tendo arame ou protecção
Se ha de ir ao cemiterio
Vai logo ao céu no balão.

E' como diz o rifão:
«Ganha um conto e um canudo»
Se for pobre eu estou calado
Porem se for casacudo?
Sai que só pedra de funda
Vai ao céu com casca e tudo.

José Pereira da Luz
Foi quem primeiro extreou,
Fez um balão foi ao céu
Chegou na porta e entrou
Não achou dinheiro lá
Se arrependeu e voltou.

Lá lhe offereceram tudo,
Caza, emprego e protecção,
Disseram se quizer vir
Aqui dá-se a condição.
Disse elle:—não precisa,
Nós viemos no balão.

Disse um dos grandes do céu:
—Pereira querendo vir
Cuidado que sua sogra
Não veja você sair,
Só deve arrumar os troços
Quando a velha for dormir

Pode trazer seus criados,
Ama se acaso tiver,
Tenho tudo para você,
Seus filhos e sua mulher;
Não trazendo sua sogra
No mais traga o que quizer.

Se ainda tem sogro vivo
E não sendo desse que enxarque
Você bote-o n'um caixão
Mas antes de botar marque
Traga-o, mas bem entendido
Se elle não tem cavagnac.

Meu sogro, disse o Pereira:
—Se andou já está muito além.
Morreu a vinte e 3 annos

Não deixou talta a alguém ;
Deus querendo minha sogra
Breve faz isto também.

Agora um italiano
Foi ao céu não pôde entrar
Também não encontrou taxo,
Nem botas para engraxar
As vasilhas de S. Pedro
Nem uma quiz se furar.

São João perguntou a Gino
O Brazil cá como ia,
Se já tinham levantado
A força da oligarchia.
Disse Gino: — essa, coitada,
Só está esperando o dia.

Pernambuco e Maceió,
Esses já pegaram fogo,
Bahia venceu a tiro
Não precisou muito rôgo..
Parahyba e Ceará,
Esses ainda estão no jogo

O Rio Grande do Sul
Inda não se levantou ;
São Paulo inda está calado ;
O Rio não se declarou ;
Espírito Santo e Sergipe
Nesses ninguém não falou.

E assim por essa forma
Hoje se pode viver
Quem quizer ir ao céu
Não é preciso morrer ;
Não precisa de orações
Nem padre vir nos benzer

Peleja de José Duda e o cego José Sabino

José DUDA Seu patrão, dono da casa,
Me diga quem está ahí
O cego José Sabino
Vinha hoje por alli,
Eu julguei que elle voltasse
Sabendo que estou aqui.

O CEGO Seu José Duda eu sou cego
A vinte annos que canto,
Onde eu afino a viola
Faço disturbio e espanto ;
Vossa mercê está enganado
Aqui não achará canto.

J. D.—Sabino dou te um conselho:
Chame o guia e vá embora
Eu cantando com 10 cégos
Não divirto meia hora...
Cantador de vista limpa
Vem a mim e salta fora.

O. C. — Em quem o sr. confia?
Chamou algum camarada?
Valeu-se de Antonio Silvino?
Eu não enjeito parada,
Cachorro não morde doido
E nem cego erra pancada.

J. D. — Eu quando canto com cégo,
Estou sempre desconfiado
Porque o commum do cégo
E' ser muito malcreado,
Agente mette-lhe o pau
Elle chama desgraçado.

O. C. — José Duda, eu encontrei
Um cantador muito fino,
Metti-lhe o pau, derrubei-o,
Gritei-lhe — Vamos menino!?...
E' uma prova que dá-lhe
O Cégo Jesé Sabino.

J. D. — Só se for por um castigo,
Um cego pode me dar,
Iuda eu estando embriagado
Sem poder me levantar,
Basta o ronco do meu peito
Para um cego se assombrar.

O. C. — Ainda mesmo o sr.
Sendo algum catimboseiro,
Carregando um patoá

E armas de um cangaceiro,
Vê o feitiço cair
Por cima do feiticeiro

J. D. — Sabino queres cantar
Vai primeiro a uma escola
Ou senão chama o teu guia
E guarda tua viola;
A manhã vá para feira
Vê se tira alguma esmola.

O. C. — Está com mêdo é caso a parto
Se não pode eu vou embora
O Cego José Sabino
Só á de morrer na hora
Eu sou como a onça tigre
Só gosto de morrer fora.

J. D. — Toda mulher é teimosa,
Todo aleijado atrevido,
Todo namorado é pabulo,
Todo velho presumido,
Caboclo desconfiado
E cego mal agradecido,

O. C. — Vossê entende que pedra
Pode se botar de môlho,
Que aguardente dá azeite
E peixe cria piólho?
Não pense nessas asneiras
Veja o que faz, abra o olho.

J. D.— Cego em que tu te confias
Que fãllas desta maneira?
E' porque estou me rindo?
Não confie em brincadeira;
Montanha a onde eu subir
Cego não chega a ladeira,

O. C.— Vossê saia de manhã
Eu só sahirei de tarde,
Pois eu só gosto de andar
Em horas que o sol não arde,
Inda passo por vossê
Subo o monte de verdade.

J. D.— Por a ladeira que tor
Nem onça pode chegar;
Gato, raposa e tatú
Alli não podem passar.
Urubú chega até perto
Porem não pode alcançar.

O. C.— Mas que vai ver o sr.
Em tão grande pricipicio?
Vai levar carta no céo
Ou vai ver algum officio?
Ou vai correndo com medo
Que faz esse sacrificio?

J. D.— Vou porque quero provar
Que de duro só ha eu,
Se ainda tiver de haver

Até aqui não nasceu
Inda que tenha nascido
A um seculo atraz morreu

O. C.— Pois o cego José Sabino
Num logar desse não vai
Porque quem conhece a vida
Desse cavallo não cai;
Só quem roubou um thescuro
Ou então matou o pae.

J. D.— Eu nunca commetti crime
Só vou lá pela belleza
Pois gosto de apreciar
As obras da natureza;
Um cego lá onde eu vou
Morre com toda certeza.

O. C.— Amigo, eu fallo a verdade
Vá quem for eu não vou lá;
Eu ir morar n'um deserto
Onde não vai nem preá
Só Deus sabe ninguem pensa
O que o sr. fez por cá.

J. D.— Sabino tu bem conhecos
Que onde José Duda canta
O mar mostra differença
E a terra se levanta
Até o proprio diabo
Ouve o meu ronco se espanta.

O. C. José Duda eu estou costumado
Com cantadores assim
A principio são valentes
Porém são fraco no fim,
Inda não achei um desses
Que não dissesse isto a mim

J. D. — Uma vez, em Alagôas,
Eu encontrei Patriota ;
Eu marquei-lhe o pé do ouvido
E detei-lhe a mão canhota
Nunca mais elle cantou
Ainda está idiota.

O. C. — Eu encontrei João Querino
Na estação de Moreno,
Este eu lavrei-o de enchó
Não deixei nelle um empeno
Elle sahiu escondido
Foi pernoitar no sereno

J. D. — Sabino, és cego e já velho
Porem és muito teimoso
Eu estou com pena de ti
Teu caso está perigoso
Depois não saia dizendo : —
José Duda é rigoroso,

O. C. — Daqui para madrugada
Eu creio que o sr. se muda
Se eu perder a paciencia

Não há santo que lhe acuda
A canalha á de diser
O cego deu em Zé Duda.

J. D. — Inda tu criando vista
Nascendo em outro paiz,
Crie pernas como imbuá
Comnigo não é feliz,
Embora diga depois
Foi a sorte que não quiz

O. C. — José Duda eu entro na bocca
E passo pelas guélas,
Arranco o boffe e o figado,
As cabeças das costellas,
Rasgo tripas, arranco rim.
Vou descansar nas canellas.

J. D. — Eu entro pelo nariz,
Passo pelo coração,
Tiro a garganta e o boffe
Não deixo inteiro o pulmão ;
Arranco-lhe a passarinha,
Saio com ella na mão

O. C. — Duda é difficil se ver
Um braço assim como o meu
Onde eu descarrego elle
O povo - grita morreu —
Dou em tudo e não apanho
Veja que cego sou eu !

J. D.— Eu agarro cantador
Que faz mêdo até o nome,
Quando elle sai vai damnado,
Naquelle dia não come
Sai se assombrando com tudo
Passa-lhe o somno e a fome

O. C.— Collega eu era pequeno
Quando cantei com Romano,
Esse, sim, deu-me serviço
Que trabalhei mais de um anno
Elle tambem conheceu
Um gigante Alagôano

J. D.—Romano e José Patricio,
Ignacio da Catingueira,
Cájarana do Pombal.
Ugulino do Teixeira
Mil cégos para um desses
Eu acho que ainda è asneira

O. C. — Você vá onde elles estão
Escolha o mais cantador
Ignacio da Catingueira
Patricio — seja quem for—
E veja lá como apanha
Protegido e protector

J. D.—Um homem bom me vencer
Não acho tanta vantagem
Embora que creio nisso

Como quem crê em visagem,
Porem um cégo insultar
Acho ter muita coragem

O. C.—Senhor Duda não é a vista
Que dá animação,
A coragem é uma cousa
Que nasce do coração
O touro não tem 2 chifres
Para que corre do cão?

J. D.—Sabino, vou te mostrar
Como se ripa um barbado,
Como se amansa uma onça
E se ensina um maleriado
Você além de ser cego
Tem nos olhos um encerado

O. C.—Só o homem que está doido
Ou tem pensar de menino
Só quem não tem consciencia
Vem ripar José Sabino
Isso é salgar carne podre
E dar coragem a mofo

J. D. — Sabino só é difficil
Pulga tocar realejo,
Guabirú mamar em gato,
Leite de sapo dar queijo
Botar-se bainha em foice
E gravata em carangueijo

O. C.—Duda, meu-peito esta rouco,
Vossê canta com agouro
Não ha cantador que o vensa.
Em acto de desaforo
Vossê ou tem catimbó
Ou o diabo no couro

Eu canto a 26 annos
No estylo dessa terra,
Conheço qualquer estado
Desde a capital a serra
Um cantador como eu
Se ainda não errou não erra

J. D. — Onde José Duda canta
O tigre vem escutar
O dia cresce 3 horas
A lua pára no ar
O vento pára disendo
—Isso sim, é que é cantar

Eu cantei em Pageú
Com Sezario d'Oliveira
Em S. Thomé com Patricio
Com Serrador no Teixeira
Com Manoel Caxiado
Na villa de Ingazeira